

SALA DE RECURSOS E OS PROBLEMAS DA OPERACIONALIZAÇÃO: UM ESTUDO DE CASO DA ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL FREI ARNALDO MOTTA E SÁ EM IGREJA NOVA, ALAGOAS

João Francisco do Lago Rodrigues¹
Aparecida Tayliny da Silva Oliveira²

RESUMO

Este estudo tem como tema a sala de recursos multifuncionais e problemas na sua operacionalização. Tem como objetivo geral analisar e refletir sobre os fatores e problemas que importam na operacionalização destas salas na educação pública. Como objetivos específicos verificar como acontece a instalação e as funcionalidades dessas salas, conhecer as metodologias utilizadas na dinâmica de operação, compreender sua utilidade e importância na construção de uma educação inclusiva, voltada a inserir os alunos com deficiência ou dificuldades de aprendizagem nos contextos educacionais e de vida, oportunizando cidadania.

PALAVRA-CHAVE

Estudo de caso. Inclusão. Sala de Recursos. Educação Especial.

ABSTRACT

This study has as its theme the room multifunctional features and problems in its operationalization. Its overall analyze and reflect on the factors and issues that matter in the operationalization of these rooms in public education goal. Specific aims to verify how the installation and functionality of this room, know the methodologies used in dynamic operation, understand their usefulness and importance in building an inclusive education,

1. Mestre em sociologia e professor da Universidade Tiradentes.
João_lago@unit.br

2. Graduada em licenciatura em matemática. taylinyasa@yahoo.com.br

intended to put students with disabilities or learning difficulties in educational contexts and life, providing opportunities for citizenship.

KEYWORDS

case study. Inclusion. Resource Room. Special Education.

1 INTRODUÇÃO

Este estudo tem como tema 'Sala de Recursos e os Problemas da Operacionalização: um estudo de caso da Escola Municipal de Ensino Fundamental Frei Arnaldo Motta e Sá em Igreja Nova, Alagoas'.

Tem como objetivo geral analisar e refletir sobre os problemas da operacionalização da sala de recursos na escola pública; como objetivo específico verificar como acontece a instalação e a funcionalidade da sala de recursos; conhecer as metodologias existentes para utilização e efetivação de uma escola inclusiva, tendo a sala de recursos como instrumento para esse fim; compreender a importância de um trabalho com sala de recursos, considerando as diferenças dos alunos com ações voltadas a promover o acesso à participação e aprendizagem dos mesmos.

Nessa perspectiva é interessante frisar as mudanças ocorridas na sociedade e na educação brasileira, fruto de uma exigência crescente do mundo globalizado por comunicação, versatilidade, conhecimento e interação em todos os aspectos. Esse mundo mais competitivo exige que a educação proporcione ao indivíduo a capacidade de acompanhar a dinâmica concorrencial e volátil dos mercados.

Nesse cenário, a educação inclusiva é voltada a aprendizagem significativa, forçando a sociedade a trabalhar as diferenças individuais, tornando-as quase imperceptíveis e incapazes de fomentar adaptações contextuais ou impactar o crescimento industrial ou coletivo dos indivíduos. Assim, justificamos a construção deste estudo, por ser

este um tema cotidiano, visto serem as metodologias e recursos para a inclusão de alunos da Educação Especial, uma carência na educação brasileira, tanto na questão metodológica, quanto prática.

Esta pesquisa também foi importante ao possibilitar corrigir procedimentos errôneos quanto à utilização e instalação de salas de recursos na escola pública. Permitirá que novos estudos sobre a temática possam ser auxiliados por este na questão da fundamentação teórica, oportunizando construir esclarecimentos e novas reflexões sobre a mesma.

Os problemas centrais da pesquisa foram: como funciona a sala de recursos? Por que algumas não operacionalizam suas funções? A sala de recursos é importante para a inclusão nas salas regulares? Quais as metodologias mais utilizadas nas salas de recursos?

Esta pesquisa utiliza a metodologia de um estudo de caso, baseada na literatura que aborda o objeto de estudo tais como: Barroso (2003); Delpretto (2010); Domingos (2010); Goldefeld (2002); Machado (2009); Rodrigues (2006). A coleta de dados ocorreu por meio de entrevistas semiestruturadas, aplicadas em uma amostra diretamente relacionada com o objeto de estudo, composto de dez professores e quatro coordenadores, dois gestores, respectivamente 75%, 100% e 100% entre aqueles que estiveram envolvidos diretamente com a educação inclusiva e com a sala de recursos.

Por meio deste estudo se verificou com os dados, reflexões e análises a funcionalidade e precariedade das salas de recursos em diversos aspectos, desde a sua instalação aos problemas que professores gestores e coordenadores enfrentam ou vivenciam nos seus cotidianos, frente às demandas por uma sala de recursos que não se efetiva e a falta de professores capacitados ou cursos que os capacitem para que esta realidade se transforme.

Este estudo encontra-se disposto da seguinte forma: após a introdução do tema, uma breve análise acerca da exclusão e inclusão fundamenta as

relações sobre as salas de recursos multifuncionais do desenvolvimento do texto; em seguida o estudo pormenoriza as utilidades da sala de recursos e convida a uma reflexão sobre quais são os alunos em nossas salas de aulas que poderiam utilizá-las. Apresentando uma proposta diagnóstica que o professor terá de construir para melhor conduzir seus trabalhos; após esta parte está disposta a análise dos resultados pesquisados, onde realidades distintas são explicitadas; por fim a conclusão aponta para as dificuldades apresentadas, a importância da sala de recursos para os professores e para os alunos.

2 SALAS DE RECURSOS: UMA ILHA DE INCLUSÃO NAS ÁGUAS DA EXCLUSÃO

É notório que diversas políticas públicas com finalidades específicas voltadas à educação não se operacionalizam na prática cotidiana da escola pública, porém elas existem e devem permeiar nossos universos, ainda, por longos tempos, sendo testadas, experimentadas e ajustadas. Na educação inclusiva, também, são criadas diversas fórmulas metodológicas na tentativa de conseguir incluir um número cada vez maior de alunos na escola regular. Nossa Constituição Federal de 1988, aposta para uma igualdade de direitos e cidadania e responsabiliza a sociedade para este fim, custe o que custar (RODRIGUES, 2003).

A escola pública sempre buscará diminuir as adversidades encontradas pela inclusão, motivo pelo qual essa discussão encontrar-se-á nas pautas que visem acabar com a exclusão. Quando especificamos o espaço exclusivista da escola regular explicitamos o quanto é maior a exclusão, fato que determina a constante busca de professores, gestores e coordenadores pela educação inclusiva e igualdade, dentro das escolas (MACHADO, 2009).

Dentro dessa perspectiva o autor Rodrigues (2006, p. 91-92) reforça a ideia da escola que exclui afirmando que:

Assim, a escola foi(é?) uma fonte de exclusão para muitos alunos que, quase sempre viram confun-

dados com 'falta de interesse e motivação', 'indisciplina' ou 'falta de inteligência' a incompatibilidade entre seus valores, ritmos e interesses com os que eram veiculados na escola.

Quando ainda é pertinente tratar da inclusão, é pertinente, também, afirmar que a exclusão persiste em existir e impactar a melhoria da aprendizagem na escola pública.

Como incluir sem excluir? Essa é a problemática cotidiana na escola pública, pois as matrículas recheiam salas, onde crianças em número quase de 30 alunos, dificultam as melhores metodologias utilizadas, minando qualquer pretensão dos professores em oportunizar aprendizagem qualitativa e significativa. Nesse cenário onde qualquer dificuldade de aprendizagem, distancia o aluno dos saberes, formando quase intransponíveis, as pequenas barreiras que outros alunos vencem sem problemas (DELPRETTO; GIFFONI; LARDO, 2010).

Noutra fase da exclusão é quando o professor não consegue trabalhar a heterogeneidade da sala, alegando diversos aspectos e dificuldades, alicerçadas em exames e documentos diagnósticos, que afirmam que alguns de seus alunos, necessitariam de atenção especial ou especializada, motivo que corrobora com a sua incapacidade de ação ou motivação para enfrentar o problema da inclusão (MACHADO, 2009).

Reforça bem essa reflexão o autor Carlos Roberto Viana (2014) quando aponta que:

Nesse sentido, convidamos a reflexão sobre o que é o 'especial' na modalidade 'Educação Especial'. Trata-se de uma forma especial de entender uma educação para determinados sujeitos? Trata-se de uma caracterização 'em se' excludente, das pessoas a partir da deficiência que possuem? Se for esse o caso então não deveríamos estar falando de educação mais de uma prática médica ou terapêutica. E o que acontece quando nos desviamos da nossa função de professores: cuidamos de aspectos médicos e deixamos de lado as necessidades específicas dos alunos no que diz respeito ao seu processo de aprendizagem.

É no espaço de atuação pedagógica, que investimos nossa formação e experiência profissional. (BRASIL, 2014, p. 7).

Nesse aspecto é crucial que se observe os desejos da sociedade quanto à inclusão, e que os professores sejam mais bem preparados para que possam assumir com competências das salas heterogêneas e inclusivas.

A educação inclusiva passou a fazer parte dos contextos reais e cotidianos dos professores, pois a constituição exige igualdade e que todos possam harmoniosamente existir pactuando direitos e deveres. (DOMINGUES. 2010).

Nessa conjuntura o autor Carlos Roberto Vianna (2014) complementa esse raciocínio descrevendo que:

Neste contexto, percebe-se que a Educação Inclusiva assume um lugar central no debate acerca da sociedade contemporânea e do papel da escola: é necessário garantir as condições de aprendizagem para todos os alunos, mas isso também não basta! É necessário discutir como se situa a escola na sociedade e como esta sociedade produz seus excluídos, bem como reage a ele em várias instâncias, uma delas sendo a formação de professores que, na escola, dizem-se incapazes de lidar com alunos deferentes daqueles com os quais estão habituados. (VIANNA, 2014, p. 8).

Se na mesma proporção da demanda por escola inclusivistas, os professores fossem preparados desde a academia, vários problemas já teriam sido superados, visto não faltar empenho dos professores, gestores e coordenadores pedagógicos do ensino público (GOLFELD, 2002).

Não necessariamente precisaríamos montar salas especiais ou de recursos, é necessário primeiro preparar profissionais, diminuir o número de alunos por salas e conscientizar a sociedade que mudanças cruciais, devem ocorrer em diversos outros setores, preparando-os para a inclusão completa e permanente, voltada a cidadania e emancipação dos indivíduos (DELPRETTO; GIFFONI; ZARDO, 2010).

O autor Carlos Roberto Vianna (2014) nessa luta por mudanças na escola e mudanças na sociedade enfatiza o seguinte:

Vivemos épocas 'das mudanças', uma época em que as certezas se esfacelam e na qual ao mesmo tempo em que o saber é importante, ele se tonar fluído... O saber é uma das razões de ser da educação mas é justamente com ele que os professores passam a ter hoje, dificuldade para lidar: 'enquanto a diferença' é posta em evidência nas políticas governamentais, provocando mudanças estruturais na sociedade, ainda há resistência no interior das escolas, que não sabem como lidar com ela. Foram os resultados de lutas históricas dos movimentos sociais por direitos de cidadania e de igualdade para todos que evidenciaram 'a diferença'. Há pouco tempo construções em torno a 'tolerar' ou 'respeitar', como se respeito e tolerância pudessem resolver os problemas das práticas excludentes nos espaços escolares. (VIANNA, 2014, p. 8).

Não basta, segundo o autor, aceitar ou tolerar, necessário se faz que se preparem as estruturas da sociedade e da escola para essa nova realidade e exigência do mundo globalizado.

3 SALA DE RECURSOS E O ATENDIAMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO: QUEM SÃO OS ALUNOS DA MINHA SALA DE AULA?

Todo o aluno com qualquer deficiência física ou intelectual requer, também, ações e métodos pedagógicos diferenciados e voltados a promover aprendizagens significativas. Conhecer seu aluno requer do professor atenção e observação, somente deste modo fará uma análise precisa das dificuldades apresentadas pelos alunos e suas especificidades mais explícitas.

Nessa perspectiva, o professor deverá promover esse estudo e análise já nas primeiras aulas e em seguida elaborar um planejamento voltado ao

atendimento e adaptações necessárias para cada caso. Nesses casos as salas de recursos são importantes na garantia de acesso dessas crianças aos instrumentos necessários para a sua adaptação geral destas crianças ao universo letrado e comunicativo das salas regulares (MACHADO, 2009).

Conhecer sua sala de aula e seus alunos é o princípio de todo o planejamento para o uso de salas de recursos, pois se devem buscar responder aos seguintes questionamentos: quem é o aluno? Quais suas habilidades e dificuldades? Quais suas necessidades específicas? Quais são as condições estruturantes da acessibilidade na escola e na sala? Como o aluno se comporta? Como participar da aula? Quais recursos pedagógicos poderiam ser utilizados como facilitadores a aprendizagem do aluno?

Segundo Lizmari Crestiane Merlin Greca (2014, p. 26):

Levando em consideração os dados coletados no roteiro, o professor identifica as barreiras impostas pela deficiência e pelo meio e disponibiliza recursos e estratégias para a participação do aluno, para o seu acesso à aprendizagem e, também, após as adequações o professor avalia o quanto o aluno conseguiu utilizar os recursos e as estratégias de comunicação nas atividades propostas no ensino comum.

Deste aspecto relatado se evidencia a importância da sala de recursos, pois servirá como ponte de acesso aos conhecimentos das salas regulares, que em muitos casos não se regulam como deveriam aos alunos com qualquer deficiência que impacta na sua intelectualização. Nesse aspecto a autora Lizmari Crestiane Merlin Greca (2014, p. 28) aponta o seguinte:

Estes alunos com deficiência intelectual, tanto quanto os demais precisam de atividades cognitivas que desafiem a buscar soluções, precisam – talvez mais do que os demais – de questões que os insiram ‘em’ situações-problemas. As possibilidades de desenvolvimento deste alunos são determinadas principalmente pelas oportuni-

des que a escola é capaz de lhes ofertar, tanto em termos de desafios para suas próprias barreiras, mas também em termos de trabalho cooperativo e em convívio com os demais alunos.

As salas de recursos oportunizaram esse trabalho voltado à compreensão da comunicação, utilizando diversos métodos que trabalham a liberdade, essenciais para a melhor interação do aluno a escola regular com suas adversidades.

No Atendimento Educacional Especial, o aluno constrói conhecimento para si mesmo, o que é fundamental para que consiga alcançar o conhecimento acadêmico. Aqui, ele não depende de uma avaliação externa, calçada na evolução do conhecimento acadêmico, mas de novos parâmetros relativos às suas conquistas diante do desafio da construção do conhecimento. (BRASIL, 2012, p. 27).

O professor da sala de recursos pode, também, confeccionar materiais didáticos que facilitem suas práticas pedagógicas, como também usá-los nas salas regulares.

Na sala de recursos multifuncional, o aluno com deficiência intelectual poderá ser avaliado na leitura, escrita e no raciocínio lógico matemático. Considerando o aprendizado das disciplinas, é essencial que os aprendizados façam sentido para os alunos em seu cotidiano (BRASIL, 2012).

Nessa perspectiva as salas de recursos multifuncionais tendem a se espalharem por diversas escolas públicas do país, visto ser crescente a demanda por essa educação inclusiva, e esse atendimento especializado promovido por esses espaços de comunicação e educação, onde os professores possuem um papel fundamental em todo o processo.

É interessante frisarmos que as salas de recursos multifuncionais deveriam possuir alguns materiais específicos para o atendimento ao aluno com deficiências físicas, visuais, auditivas ou outras, entre estes materiais destacamos: textos escritos com ilustrações táteis, máquina Braille,

reglete, ábaco, livro falado, calculadora sonora, jogos e materiais didáticos, além de outros materiais confeccionados pelos professores.

O aluno com deficiência, como qualquer outro, necessita participar das aulas das atividades em sala de aula e em outros espaços. Porém, é comum que alunos de que trata a educação especial apresentem dificuldades que são, muitas vezes, de ordem funcional e necessitem de recursos para romper essas barreiras externas que impedem seu acesso a participação. (SILVA, 2014, p. 55).

Nesse cenário de exclusão que a educação pública brasileira ainda retrata, com respeito aos recursos multifuncionais e qualquer outra prática inclusiva, a criação de ambientes adequados devem ser incentivados para oportunizar igualdade de direitos em todos os sentidos.

3.1 ANÁLISE DOS RESULTADOS DA PESQUISA: REALIDADES DISTINTAS E FALTA DE ESPECIALIZAÇÃO

A escola lócus da pesquisa *Escola Municipal de Ensino Fundamental Frei Arnaldo Motta e Sá*, na cidade de Igreja Nova, no estado de Alagoas, especificamente situada no Conjunto habitacional Carlos Antônio Brito Borges s/n. Possui estrutura própria para atender até 250 alunos por turno, possui salas de aulas regulares e uma sala de recursos multifuncionais.

Possui no seu quadro funcional vinte e cinco professores, um assistente do programa Mais Educação, três coordenadores pedagógicos, dois gestores e demais funcionários administrativos e de serviços auxiliares.

A sala de recursos multifuncionais possui rampas de acesso e tem os seguintes itens: lousa digital; Datashow; TV; DVD; Home theaters; computador; impressora; mesa grande; mesa pequena; cadeiras; jogos diversos.

Ainda faltam alguns itens que obrigatoriamente devem fazer parte dos diversos métodos que devem ser utilizados para fomentar aprendiza-

gens necessárias e contributivas das disciplinas regulares. A sala ainda não funciona motivada por diversos fatores intra e extraclasse, dentre estes podemos citar: professores acham-se incapacitados para trabalhar com a sala; falta treinamento específico para o trabalho com a sala. Dentre outros fatores falta, ainda, um diagnóstico balizador das deficiências de alguns alunos.

Os professores quando perguntados sobre a inoperância da sala de recursos, em 100% apontam para a falta de cursos específicos que os preparem para o trabalho com educação especial, 90% dos entrevistados afirmam, também, que o município não disponibiliza condições para que os professores estudem cursos de pós-graduação na área.

As salas recheadas de alunos foi unanimidade nos 100% dos entrevistados, que apontam dificuldades quando entre estes alunos, alguns apresentem qualquer dificuldade de aprendizagem ou comportamental especial. Fato que complica o bom andamento da aula, aspecto frisado por 80% dos entrevistados que completaram salientando que em algumas salas até três alunos apresentam dificuldades explícitas de aprendizagem ou concentração, hiperatividade e desobediência a qualquer ordem ou regra.

Os 100% dos professores entrevistados se consideraram incapacitados para trabalhar com alunos com deficiências acentuadas (visão, audição, hiperatividade, alguns casos de autismo) em salas regulares, fato que torna ainda mais importante, tanto a preparação como a funcionalidade da sala de recursos, completa com outros itens que ainda faltam.

Os coordenadores pedagógicos entrevistados foram unânimes, 100%, em afirmar os posicionamentos dos professores como reais e corretos, pois acreditam ser difícil o trabalho com educação especial e sala de recursos, motivo pelo qual ainda não conseguiram operacionalizar a sala montada para este fim.

Também, na sua totalidade, afirmaram serem os professores compromissados com a aprendi-

zagem dos alunos, não medindo esforços, nem métodos para a consecução desta finalidade.

Os gestores entrevistados afirmaram a inoperância da sala de recursos, atribuindo à falta de um professor capacitado em educação especial para a operacionalização da mesma. Afirmaram, também, que diversas solicitações já foram feitas e aguardam resposta em breve que apontem para o funcionamento da sala.

Todos os entrevistados, na sua totalidade, afirmaram seu compromisso com a inclusão e a educação especial, porém são desejosos que os responsáveis pela educação especial e inclusiva, dando condições efetivas para que a sala de recursos inicie suas atividades e finalidade para oportunizar condições para alunos com dificuldades de aprendizagem possam com igualdade de direitos adquirirem saberes tão importantes às suas vidas.

Outra questão apontada pelos professores entrevistados é a falta de um diagnóstico preciso sobre as deficiências de alguns alunos ou dificuldades de aprendizagem, fato que é sentido pelo professor em sala pactuado com algumas famílias, porém não é aceito pelo sistema, que inclui para excluí-lo posteriormente nas avaliações e notas, que repetidas vezes os reprovam e os limitam, pois trata no mesmo nível de aprendizagem dos demais, somente no campo das exigências e não no campo das oportunidades.

Quando perguntados, professores, coordenadores e gestores, acerca da participação e envolvimento das famílias nas questões educacionais de seus filhos na escola, quase 80% afirmaram ser muito pouca, acrescentando que os pais trabalham em sua grande maioria, e não sobram muito tempo para acompanhar o desenvolvimento ou dificuldades de seus filhos nas escolas. Essa falta de comunicação escola-família dificulta o trabalho do professor que não compreende os alunos e os alunos não conseguem, também, acompanhar as aulas.

Na opinião de todos os entrevistados, 100%, a sala de recursos se apresenta inoperante, segun-

do eles, 'foi talvez um dos maiores prejuízos este ano', sem servir a sua função no contexto escolar, impactou diversos momentos participativos e coletivos, que não oportunizou aos alunos com dificuldades de aprendizagem ou deficiências, mais saberes, mais liberdade mais autonomia.

4 CONCLUSÃO

Um dos princípios brasileiros para trabalho com qualquer metodologia do ensino especial é o conhecimento que o professor possui sobre os seus alunos, dentro de contextos diagnósticos e observativos. Somente deste modo conhecerá, todas as dificuldades explicitadas ou não, que os alunos possuem. Isso determinará qual metodologia ou quais metodologias podem e devem ser utilizadas para oportunizar aos alunos aprendizagem significativa e igualitária.

A escola e seus recursos são um espaço de aprendizagem que proporciona, principalmente, aos alunos a conquista da autonomia e estimula o desenvolvimento das relações sociais e de novas competências, que são criadas cotidianamente na escola, mediante situações desafiadoras e socializantes.

As salas de recursos multifuncionais representam, para o aluno com deficiência ou dificuldades de aprendizagem, uma oportunidade para a construção de possibilidades de acesso a comunicação e aos saberes curriculares da escola regular, que os tornam inclusos.

Quando esta não consegue oportunizar essas possibilidades, motivadas por diversos fatores, os alunos com deficiências ou dificuldades em aprender ficam limitados e não conseguem com facilidade construir saberes, socializar-se, impactando seu cotidiano e sua vida, limitando seus alcances, excluindo-os das oportunidades da vida, fragilizando-os, frente à dinâmica concorrencial, típica dessa nova ordem mundial globalizada.

A falta de preparação adequada para os professores mostrou-se um fator de incapacitação do trabalho do docente com alunos portadores de

necessidades especiais ou dificuldades de aprendizagem. Associado a isso está o fato de que as salas de aula estão operando recheadas de alunos e, em muitos casos, com número superior àquele permitido por lei, aspecto que torna ainda mais difícil oportunizar a estes, tratamento diferenciado ou específico nas metodologias utilizadas pelo professor em sala.

Diante desse cenário é necessária, além da ampliação e disponibilização de ambientes educacionais adequados à inclusão, oportunizar cursos

que possam instrumentalizar o professor, para que ele possa lidar de maneira adequada com a educação especial e melhor utilizar os recursos multifuncionais disponibilizados nas salas de recursos em benefício de alunos. Enquanto não se efetiva todas as expectativas, é necessário promover espaços dialógicos, democráticos e igualitários em suas salas de aulas, onde as diferenças são usadas para o conhecer de novos cenários e realidades distintas de vidas, que auxiliem no crescimento individual e coletivo de seus alunos, promovendo saberes e aprendizagens para a vida.

REFERÊNCIAS

BARROSO, J. Factores organizacionais da exclusão: a inclusão exclusiva. In: RODRIGUES, D. (Org.). **Perspectiva sobre a inclusão**: da educação à sociedade. Porto: Porto, 2003.

BRASIL. Secretaria da educação Básica. **Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Pacto nacional pela alfabetização na idade certa**: Educação Inclusiva. Brasília: MEC, SEB, 2004.

BRASIL, Ministério da Educação – Secretaria da educação Básica. **Caderno de Educação Especial**: a alfabetização de crianças com deficiência. Pacto nacional pela alfabetização na idade certa. Brasília, 2002.

DELPRETTO, B. M. L; GIFFONI, F. A; ZARDO, S. P. **A educação especial na perspectiva da inclusão escolar**: altas habilidades/ superdotação. Brasília: MEC/ SEESP, 2010.

GOLFELD. M. **A criança surda**: linguagem e cognição numa perspectiva sócio-interacionista. 2.ed. São Paulo: Plexus, 2002.

MACHADO, R. **Educação especial na escola inclusiva**: políticas, paradigmas e práticas. São Paulo: Cortez, 2009.

RODRIGUES, D. **Inclusão e educação**: doze olhares sobre a educação inclusiva. São Paulo: Summus, 2006.

Recebido em: 3 de Novembro de 2014

Avaliado em: 3 de Novembro de 2014

Aceito em: 28 de Novembro de 2014
